

EDINETE MARIA ROSA

PROFESSORA DOUTORA EM PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

“Precisamos ter políticas públicas”

Acreditar na potencialidade das crianças e jovens da periferia e implantar medidas eficazes, garantindo a elas educação, saúde e outros direitos, segundo Edinete Rosa, são formas de reduzir a exclusão que hoje leva ao crime

Texto **CLAUDIA FELIZ** Foto **GILDO LOYOLA**

A professora Edinete Maria Rosa conhece profundamente a realidade das crianças em situação de vulnerabilidade social. Mesmo assim, como muitos brasileiros, foi impactada pelo que mostrou “Falcão - Meninos do Tráfico”, documentário dirigido por MV Bill e Celso Athayde, que a TV Globo exibiu há uma semana. Mas Edinete tem esperança. Diz que é preciso acreditar na potencialidade das crianças e dos adolescentes e investir num projeto de vida para elas, com medidas eficazes como garantia de matrícula na escola, de creche, alimentação e acompanhamento do Conselho Tutelar.

A gente vê crianças e jovens usando drogas, pedindo esmola, nas praças, nas esquinas. Mesmo assim, “Falcão - Meninos do Tráfico”, causou comoção nacional na tela da Globo. Muitas pessoas parecem ter descoberto com ele que o problema existe. A organização apresentada no vídeo mostra um outro sistema

Sistema desigual



CRÍTICA. Doutora em Psicologia, Edinete Maria Rosa diz que a realidade cruel do envolvimento de crianças e adolescentes com o tráfico de drogas é uma faceta do capitalismo. “Nós temos que perceber que nossa sociedade é composta também por aquela realidade. Capitalismo não é feito só de shopping center. São as contradições do sistema”, diz ela

“O sentimento de desigualdade gera revolta. Mas as pessoas não devem pensar que violência é só tráfico de drogas. É também o menino não ter uma boa escola, que

escola, que
respeite sua
origem, o valorize”

claro que nossa sociedade não legitima esse tipo de vida. Quando nossos programas forem direcionados para o potencial que essas crianças têm, e não para a falta, haverá uma saída.

Fala-se na necessidade se se investir em prevenção.

É preciso que se invista no potencial dos meninos, porque é isso que o tráfico faz. Ele acredita nos garotos, que têm que se mostrar fortes, corajosos. Nossas políticas, infelizmente, são voltadas para o sujeito faltoso. Política compensatória não muda a vida das pessoas.

Como essa política funciona, na prática?

De forma emergencial. Por exemplo: dá dinheiro para que o menino fique na escola. Bolsa-Escola, Bolsa-Família, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. Quando termina esse pagamento, a criança volta para a rua, porque as condições dela não foram mudadas. Num sistema que gera desigualdades sociais, como o nosso, as políticas vêm para reparar as desigualdades. A bolsa não promove inclusão. A criança, o adolescente, continuam excluídos, mesmo recebendo o benefício.

Qual é a saída? Distribuição de renda?

A distribuição de renda vem com políticas públicas. Escolas de melhor qualidade, saúde, ampliação e favorecimento do desenvolvimento esportivo e cultural, valorização do espaço onde a criança vive. Hoje, a escola pública é pior do que a particular, o posto público é diferente da clínica particular. O sentimento de desigualdade gera, muitas vezes, revolta. Mas as pessoas não devem pensar que violência é só tráfico de drogas. É também o menino não ter uma boa escola, que respeite

dentro do capital. O documentário nos leva ao espaço das crianças e jovens, e isso amedronta. O quadro é mais grave do que imaginamos. Quando o menino está na praça, a gente até acha que ele nem tem direito de estar ali, quer que o poder público o retire.

O vídeo mostra o menino no crime, sentindo-se valorizado.

É que, enquanto grupo, ele cria identidade. O grupo se protege, tem suas leis, suas regras que são fielmente seguidas. Quando o menino vem para o espaço público, nós não reconhecemos seu direito de estar ali. O vemos como o pedinte ou o usuário de drogas.

No tráfico, há uma hierarquia de “cargos” respeitada.

Lá dentro, vemos o capitalismo. O tráfico é visto como profissão - os jovens até dizem que trabalham na atividade sem férias, 13º salário. O vídeo mostra o sistema pervertido. Mas quem está naquele meio questiona o sistema capitalista, quando queixa-se da falta de escola, de trabalho. Nós temos que perceber que nossa sociedade é composta também por aquela realidade. Capitalismo não é feito só de shopping center. São as contradições do sistema.

É possível resgatar crianças como aquelas, tão envolvidas com a criminalidade?

Não é a questão de pensar nos o resgate como algo contrário ao que existe. Muitas vezes queremos impor um eito de viver que é nosso. É

O NÚMERO

405

Dos 871 jovens, de 12 a 17 anos, detidos pela Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei, 205 foram por tráfico e 200, por uso de drogas, totalizando 405 pessoas envolvidas com o problema, somente no ano passado. Já na Unidade de Internação Provisória (Unip), 63% das garotas que cumprem medidas socioeducativas foram detidas por causa do tráfico de drogas.

sua origem, o valorize.

No mundo do crime os jovens parecem ver mais perspectiva de crescimento.

Sim, até porque o crime investe nesse modo de viver. Quando um morre, outro assume seu lugar. É uma verdadeira formação de pessoas para exercer o controle de um comércio proibido.

A família está desassistida?

Com a Revolução Industrial a família perdeu a função so-

cial de gerar riqueza e passou a, simplesmente, cuidar dos seus indivíduos. Com isso, passou a ser cobrado dela o cuidado sobre as coisas privadas, o afeto, a moral, a boa educação, antes compartilhados por outros espaços de socialização. A família já é um direito garantido para a criança, mas há de se perguntar: ela está tendo condições de assegurar toda a proteção que a criança precisa?

Num lugar onde mora a vio-

Interesse permanente

Edinete Maria Rosa tem 37 anos, é casada e mãe de dois filhos. Formou-se em Psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e cursou o doutorado na Universidade de São Paulo (USP). Já na sua formação acadêmica do curso de graduação, começou a estudar a violência sofrida pela criança. E é esse o seu interesse até hoje. Atualmente, orienta dois trabalhos que têm como alvo de estudos o atendimento oferecido aos adolescentes internos na Unidade de Internação Socioeducativa (Unis), do governo do Estado. Na Ufes, atua em um projeto de atendimento a crianças que são vítimas de violência, em parceria com o Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória. É também autora do livro “Radiografia de um processo social: um estudo sobre o discurso jurídico a respeito da violência contra crianças”.

lência, onde faltam meios de subsistência, como proteger a criança?

Sim, é aí que a criança começa a perceber que a casa não é o lugar mais seguro para ela. Barracos caindo, esgoto a céu aberto, violência física. Assim, a família perde espaço para outros grupos, como o do tráfico.

Ficar na rua, estar no crime exige coragem.

Esses meninos e meninas encontram um espaço muito maior de desenvolvimento em um ambiente que os desafia, que os faz acreditar em si mesmos. Quando o mundo exige, a pessoa se sente motivada a se desenvolver.

Mas o tráfico também seduz jovens de classe média.

Na classe média a ausência dos pais na vida dos filhos é imensa. Nela, o pai ainda é o provedor. Na classe popular ele é o que garante a moral da família - sem o pai, ela fica desmoralizada perante a sociedade. Mas na relação com o mundo, captamos elementos que são necessários para nossa constituição. Esses elementos são diferentes para cada pessoa. Assim, nem toda criança que está no morro vai ser bandido, assim como nem toda a que é criada sem pai se sentirá inferiorizada.

Fala-se muito sobre falta de limite na educação dos filhos.

Esse tipo de atitude é mais típico na classe média, em que há crianças que acham que podem tudo. No futuro, caminham para ser, por exemplo, políticos desonestos, delinquentes de padrão diferente. Isso nos faz pensar que não é pobreza que causa a violência. É fácil culpar o governo ou a família. O problema não é uma doença social, mas algo produzido pelo sistema capitalista, consequência de desigualdade social, da falta de políticas públicas, de planeja-

“Na classe média há crianças que acham que podem tudo. No futuro, caminham para ser políticos desonestos, delinquentes de outro padrão. Isso nos faz pensar que não é pobreza que causa violência”

mento voltado para as áreas básicas. O Estado tem que cumprir seu papel de garantidor de direitos. A gente deixa as coisas acontecerem e quando abrimos os olhos nos deparamos com uma organização como a que o documentário mostrou.

Num momento em que políticos são acusados de corrupção, fica difícil dizer quem é mocinho e quem é bandido.

Se a gente for pensar, é uma história muito parecida, mas com protagonistas diferentes. O sistema ético é aquele que permite as pessoas crescerem praticando o respeito com o que é do outro, a seriedade no cuidado com o que é público. Não sei o que é pior. Na favela o bandido fala: “Eu roubo, mas distribuo”. Na política, quantos roubam e não distribuem? Sem falar nas fraudes, na sonegação de impostos. Há duas questões, uma moral e outra ética. É necessário que haja uma mudança estrutural. A violência que a compra de votos e a sonegação de impostos geram também é muito grande.